

Vozes que rompem o silêncio: “insolência” e resistência da população de origem indígena e afrodiaspórica nas entrelinhas do passado de Canavieiras-BA

 Elis Cristina Fiamengue*

 Belaine das Neves Nascimento**

Resumo: Este artigo discute a presença de pessoas de origem indígena e afrodiaspórica nos relatos dos viajantes Maximilian Alexander Wied-Neuwied e Robert Avé-Lallemant, que estiveram em Canavieiras-BA no século XIX. Além disso, apresenta uma análise da obra literária *Fruta do Mato* (1920), de Afrânio Peixoto, que teve como cenário o lugar supracitado. Problematisa a História local, escrita pelo memorialista Alcides Costa entre os anos de 1960 e 1970, que, por sua vez, teve como fontes de pesquisa os trabalhos de Wied-Neuwied, Avé-Lallemant e Peixoto, mas acabou por minimizar, quando não silenciar, as experiências de vida das pessoas comuns. Conclui que a História oficializada de Canavieiras-BA não reflete a pluralidade de sua sociedade e, por isso, precisa ser revisitada através de perspectivas historiográficas críticas.

Palavras-chave: História Local, Esquecimento/Silêncio, História Social.

Voices that break the silence: “insolence” and resistance of the populations of indigenous and aphrodisporic origin between the lines of Canavieiras – BA’s past.

Abstract: This article discusses the presence of people of indigenous and aphrodisporic origin in the accounts of travelers Maximilian Alexander Wied-Neuwied and Robert Avé-Lallemant who were in Canavieiras-BA in the XIX century. In addition, we analyzed the literary work *Fruta do Mato* (1920), by Afrânio Peixoto, which took place in the aforementioned place. We problematize the local History written by the memorialist Alcides Costa between the years 1960 and 1971, which, in turn, presents the Works of Wied-Neuwied, Avé-Lallemant and Peixoto as sources of research, but minimizes, when it does not silence, life experiences of ordinary people. It was concluded that the History of Canavieiras-BA does not reflect the plurality of its society, and, therefore, it needs to be revised through critical historiographic perspectives.

Keywords: Local History, Forgetfulness/Silence, Social History.

* Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: eliscf@gmail.com

** Mestra em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: belaineves@hotmail.com



Introdução

O memorialista Alcides Costa é o principal responsável pela construção da História oficializada sobre Canavieiras, município localizado às margens do oceano Atlântico, na região sul da Bahia. Os ensaios históricos *Canavieiras: sua história e sua gente*, de 1963; *Jacarandá e Salobro*, de 1968; *Piaçava e Coco*, de 1969, escritos por ele, apresentam os aspectos políticos, econômicos, socioculturais e geográficos do lugar.

O presente artigo investiga determinadas fontes utilizadas por Alcides Costa em seus registros sobre Canavieiras-BA e sua sociedade. Expomos primeiro nossa análise a respeito da narrativa dos viajantes Maximilian Alexander Wied-Neuwied e Robert Avé-Lallemant; na sequência, cruzamos essas informações com referências da História regional; por fim, discutimos a produção de Afrânio Peixoto, autor recorrentemente citado por Alcides Costa em seus escritos sobre o município, e as memórias de sua população.¹

Partindo dos pressupostos teóricos da História Social, realizamos uma reflexão da História vista de baixo para repensar as diversas formas de resistência dos grupos que foram excluídos da História local. De maneira específica, estudamos os relatos dos viajantes e a obra literária a contrapelo², visando conhecer a respeito dos grupos de indígenas e da população de origem afrodiáspórica que viviam no local estudado, considerando o cotidiano e as experiências de vida dessas pessoas.

Sobre o campo da História Social, o historiador Eric Hobsbawm identificou as três primeiras orientações que contribuíram para a formação dessa área de estudos e os desdobramentos que esse aporte teórico teve ao longo de certo tempo (Hobsbawm, 1998). No texto intitulado *Da História Social à História da Sociedade*, o autor sinaliza a dificuldade de definir o termo História Social, contudo Hobsbawm (1998) aponta, de forma geral, três

¹ Este artigo apresenta os resultados parciais da dissertação do Mestrado em História da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² O conceito, proclamado por Walter Benjamin (1987), concebe a história a partir do ponto de vista dos vencidos, em oposição à história oficial, cuja identificação está ligada às classes dominantes, que, por sua vez, ocultam a luta dos oprimidos no passado e no presente.

acepções: a primeira faz referência às classes pobres, consideradas, até certo tempo, como inferiores, a tal ponto de não serem incluídas nos trabalhos de historiografia tradicional; a segunda estava ligada a trabalhos sobre a diversidade das culturas humanas, a exemplo das formas de viver da vida no cotidiano; a terceira combina as análises sociais aos aspectos econômicos, considerando as contribuições marxistas, que indicam um estudo da História da evolução da sociedade de acordo com os processos de produção material.

Entendemos que a História Social favorece uma abordagem investigativa sobre as pessoas comuns através da História vista de baixo, a qual, de acordo com Eric Hobsbawm (1998: 218), foi iniciada pela tradição francesa da historiografia embebida não na classe dominante, mas no povo francês. Para ele, tanto Marc Bloch quanto Georges Lefebvre já estabeleciam novos temas e novos métodos que buscavam contar mais a respeito dos movimentos populares. A História de baixo para cima era um desafio em 1985, quando Hobsbawm escreveu sobre ela, e ainda é na atualidade.

Em nosso estudo problematizamos a versão da História oficial de Canavieiras-BA e apresentamos reflexos do passado do lugar por meio da manifestação de resistência de grupos de pessoas que ali viveram e foram desprivilegiados nos ensaios historiográficos consagrados até então no município. Enfim, percebemos que falar sobre os índios é travar uma luta da memória contra o esquecimento; falar sobre os afro-brasileiros, sobre suas resistências é questionar uma história oficial sistematicamente excludente.

Canavieiras nas entrelinhas das narrativas dos viajantes

Quando o viajante Maximilian Alexander Wied-Neuwied — príncipe renano, estudante de floras e faunas, que esteve fazendo expedições em nossas terras no início do século XIX — passou por Canavieiras-BA, em 1816, não deixou de incluí-la em suas narrativas, reunidas na obra *Viagem ao Brasil*, publicada pela primeira vez em 1820.

O expedidor alemão percorreu Canavieiras-BA, área de terra banhada pelo Oceano Atlântico, que está entre a Latitude: 15° 40' 30" S, e Longitude: 38° 56' 50" W, localizada a cerca de 423 km de Salvador, capital da Bahia. Trata-se de uma extensa área atravessada ao norte pelo Rio Pardo,

que, por sua vez, é interligado ao Rio Jequitinhonha através do Rio Salsa por um canal, conhecido na época da viagem do europeu como Pôassu.

Nesse território foi instituída a freguesia de São Boaventura do Poxim em 1718, que deu lugar à Imperial Vila de Canavieiras em 1833. Maximilian Alexander Wied-Neuwied conheceu o litoral do povoado e, tanto pelo tempo quanto pela sociedade da qual fazia parte, descreveu o que viu por meio de uma perspectiva marcada pela visão eurocêntrica do mundo, que comumente desqualificava toda e qualquer cultura diferente da sua própria. Na descrição de Maximilian Alexander Wied-Neuwied, o lugar foi caracterizado como:

Vila, ou aldeia, com casas bastante espaçadas e uma igreja; produz principalmente mandioca e arroz. Os habitantes são, na maioria, brancos e pardos, como são chamados os homens de diferentes tonalidades de cor, produzidos pelo cruzamento dos brancos com os negros; esses pardos constituem o grosso da população do litoral. Como não existe no lugar nem juiz nem qualquer outro governante, não há também polícia, e Canavieiras é conhecida em toda a região pela liberdade e pelo estado mesmo tanto selvagem de seus habitantes. Eles não querem saber de juiz, declarando que podem governar por conta própria (Wied-Neuwied, 1989: 328).

De acordo com ele, naquele lugar não existia nem juiz nem governante que conseguisse impor leis; os moradores se recusavam a pagar impostos e, em todos os arredores, o povoado já era conhecido pela liberdade e pelo estado “incontrolável” de seus habitantes. As observações do viajante se enquadram em uma construção epistemológica — que remonta aos meados do século XVI — sobre raça, que, por séculos, categoriza os seres humanos.

Com a expansão econômica mercantilista e o conhecer de um novo mundo, a cultura renascentista passou a refletir sobre a multiplicidade da existência humana, contudo, dentro do complexo ideário filosófico europeu, o homem branco seria o homem universal. Essa noção de homem nada mais foi além de um produto bem-acabado da modernidade, amparado por todo um sistema erudito que se desenvolveu institucionalmente.

Maximilian Alexander Wied-Neuwied é fruto desse sistema. Do ponto de vista intelectual, o que ele faz é comparar e depois classificar diferentes grupos humanos com base em características físicas e culturais. No entanto, o uso de seu trabalho como fonte pode ser aproveitável tanto para discutir

essa construção histórica racista ao longo do tempo quanto para observar suas informações por meio de uma perspectiva inversa, pois buscamos visualizar em sua narrativa as vivências dos indígenas (primeiros habitantes da localidade), de negros e negras que formavam a população canavieirense e que, por muito tempo, foram menosprezados pela História local.

Essa produção é moldada pela narrativa cronológica dos feitos tomados como relevantes das consideradas “principais pessoas”, os mais abastados economicamente, pessoas que se apropriaram de grandes latifúndios, atraídos pela fertilidade das terras ao sul da capitania de Ilhéus. Até hoje o que se conta sobre os primeiros habitantes do município considera o fato de que eram portugueses e brasileiros vindos de Ilhéus por volta da primeira década de 1700. Raramente os grupos autóctones, que já viviam no território desde antes da chegada dos europeus e dos africanos, são ressaltados.

Em um dos capítulos da obra *Viagem ao Brasil*, intitulado *Algumas palavras sobre os Botocudos*, Maximilian Alexander Wied-Neuwied aponta que grupos de “selvagens”, conhecidos como Aimorés, viviam ainda no interior das matas de Ilhéus e cercanias com o nome de Botocudos, “por usarem uma grande cavilha de madeira, a semelhança de botoque, que é como chamam os portugueses as rolhas de barril” (Wied-Neuwied, 1989: 316). Esses grupos eram muito temidos pelos colonos. Sobre a forma física deles, o viajante escreveu:

A natureza dotou esses índios de boa compleição, sendo eles mais belos do que os das demais tribos. Apresentam, em geral, estatura mediana, não obstante apresentarem alguns porte mais avantajado. São fortes, em regra largos de peito e espadaúdos, mas sempre bem proporcionados; mãos e pés delicados. Como nos outros grupos, têm traços fisionômicos muito salientes, as maçãs do rosto grande, o rosto às vezes achatado, mas ainda assim, não de raro bastante retangular; olhos, na sua maioria, pequenos, às vezes grandes, mas em geral pretos e vivos (Wied-Neuwied, 1989: 285).

É importante ressaltar que os indígenas, na perspectiva dos europeus, eram notados como primitivos, e o movimento de “levar a civilização” para onde ela não existia foi o pretexto para que se desenvolvesse um processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento, feito em nome da razão; a esse processo chamamos de *colonialismo*.

Segundo o viajante, os indígenas despertavam sentimento de horror e repulsa nos europeus, por conta de suas práticas, que podemos hoje compreender como resistência à dominação colonial. Por isso, analisar as várias passagens da obra *Viagem ao Brasil*, bem como de outras produções culturais sobre Canavieiras-BA entre a transição do século XIX para o XX, a contrapelo, significa trabalhar na perspectiva da valorização da história dos de baixo, circunstância que contribui, sobremaneira, para que aspectos do passado sejam revistos no presente de modo inclusivo.

No Brasil, a participação dos indígenas, bem como dos povos descendentes de africanos, foi por muito tempo depreciada pela História dita oficial. Grande parte das narrativas tradicionais sobre o passado quando não silenciaram as pessoas comuns, folclorizaram-nas, utilizando-se, muitas vezes, do mito da democracia racial³.

Nesse sentido, compreendemos porque os indígenas, com todas as suas diferenças, e as “pessoas de cor” — notadas como *ingovernáveis*, *rebeldes* ou *estranhos* pelo viajante europeu Wied-Neuwied — foram desconsiderados pela História local, ainda que fosse sabido que eles compunham o tecido social de Canavieiras-BA desde o início de sua formação.

Isso posto, debruçamo-nos sobre a produção de outro explorador que passou por Canavieiras-BA por ocasião de suas *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe: 1859*. Trata-se do alemão Robert Avé-Lallemant. Ao se direcionar para Canavieiras estava decidido a não passar mais que um dia na vila, entretanto, por conta de perder sua carteira e suas cartas de recomendações ao subir no vapor, acabou mudando os planos, foi obrigado a passar ao menos dez dias no local.

Robert Avé-Lallemant chegou a Canavieiras-BA no final de dezembro de 1859 e passou as festas natalinas e a virada do ano observando os moradores do território; considerou-os tão inóspitos quanto Wied-Neuwied havia descrito. As produções dos viajantes europeus demonstram o racismo

³ Termo usado para descrever as relações raciais no Brasil de maneira relativizada. Baseia-se na crença de que os efeitos do sistema escravocrata foram menos violentos aqui do que em outros lugares da América, por exemplo, e defende a ideia de que o Brasil escapou de práticas discriminatórias racistas.

cultural baseado nas características biológicas e étnico-raciais que marcaram a construção dos enunciados sobre a formação da população brasileira.

A vila não chamou a atenção de Avé-Lallemant de início, porém, no decorrer de seus relatos, o narrador fica admirado com o modo de vida das pessoas que moravam em Canavieiras-BA. Na época, a população local vivia da atividade extrativista, muito embora, de acordo com o viajante, homens de posse que viviam em Salvador já começavam a se fixar naquelas terras, a exemplo de seu anfitrião Dr. Magalhães e de mais alguns homens do mesmo grupo dele. Logo em seu desembarque, Avé-Lallemant (1980: 78) encontrou:

Diversas crianças, negros, índios, numa variegada mistura de gente, andavam dum lado para outro no relvado. Gente grande olhava pachorrentamente nas portas e janelas sem vidros de suas pequenas e simples casas. Algumas vacas, carneiros e cabras pastavam inofensivas e pachorrentas na rua, porque a rua é precisamente o relvado ao longo do qual corre uma estreita e modesta calçada.

Ele conta que havia muitas mulheres indígenas, notou que no litoral da vila, possivelmente, viviam em torno de 400 pessoas. O alemão explorou as fazendas de seus anfitriões, porém, certos deslocamentos que precisou fazer o aborreceram muito. Segundo ele, os canoeiros, um negro, um mestiço e um indígena — cedidos por um homem chamado Frederico Vasconcelos, intitulado coronel por Avé-Lallemant —, eram extremamente “insolentes”. Sobre os canoeiros responsáveis por sua condução em Canavieiras-BA, Avé-Lallemant (1980: 80) escreveu:

Quando porém chegaram, sumiram novamente. Depois queriam almoçar primeiro e almoçaram realmente, mas com tão grande lentidão, que vi, à primeira vista, que tinham ali, na verdade, como quase sempre, que lidar com preguiçosos profissionais e vagabundos, sem que pudesse fazer outra coisa com eles senão exortá-los e pedir-lhes, porquanto eram “gente livre e cidadãos” e eu possuía tipo de estrangeiro que a gente desses pequenos recantos não gosta de ver.

Foi por conta da “insolência” de seus condutores que o europeu vivenciou algo que nunca houvera imaginado: antes de anoitecer, sem ser consultado, simplesmente foi levado a um casebre às margens do Rio Pardo para que pernoitasse até que pudessem chegar ao seu destino no dia seguinte. Sobre o ocorrido, disse Avé-Lallemant (1980: 86):

Meus gondoleiros cor de japu eram muito preguiçosos para fazerem ainda um bom pedaço de caminho. Alvitram-me ir com eles até a casa duma família sua conhecida, onde poderíamos pernoitar. Aqueles tipos eram verdadeiros malandrins e eu não podia esperar nada de bom dos seus amigos da mata.

A noite do estrangeiro foi, no mínimo, inusitada, em um quarto apertado de uma pequena casa. Segundo o próprio viajante, os modos ali eram inteiramente diferentes dos seus costumes e nem por uma hora sequer teria imaginado viver uma experiência semelhante. Nessa passagem, é possível verificar indícios das vivências cotidianas dos canavieirenses.

Por diversas vezes, Avé-Lallemant (1980) foi advertido pelo dono do casebre em que havia passado a noite sobre os perigos da floresta. O homem falou de histórias de negros e “índios selvagens”, deixando transparecer um ódio mortal por estes últimos. O viajante relatou a conversa que teve com o homem que o hospedara, cujo fragmento do texto transcrevemos a seguir:

Na floresta deve-se andar sempre bem armado, disse ele vivamente e falou-me, depois de ter posto cuidadosamente de lado minhas únicas armas, longamente, sobre os perigos da floresta e a necessidade de meios de defesa. Contou sobretudo histórias de negros e índios selvagens, deixando transparecer um ódio mortal por estes últimos. Poucos meses antes, o irmão do genro tivera o ombro atravessado por uma flecha. Um pouco mais acima do rio, os índios tinham também morto cruelmente a pancadas um casal que trabalhava perto de sua pequena colônia; na manhã seguinte mostraram-me o tronco da árvore, onde os infelizes tinham sido surrados. As histórias de negros não soavam menos sangrentas; em resumo, o pardo velho convenceu-me inteiramente de que “na floresta deve-se sempre andar armado” (Avé-Lallemant, 1980: 87).

É possível verificar que a Vila de Canavieiras se configurava como um lugar marcado por uma tensão cotidiana entre sua população. Nesse período, as plantações de cacau ainda não eram pujantes, no entanto, a disputa pelo território já se apresentava como um problema para os fazendeiros interessados em cultivar as terras férteis ao sul de Ilhéus.

O Rio Pardo oferecia as condições necessárias para o transporte da produção. Desde o século XVIII já se retirava madeira daquela localidade e, segundo Avé-Lallemant (1980), imensas quantidades de cacau, café, tabaco,

milho, mandioca e etc. poderiam ser cultivadas ali. Ele não estava errado, posteriormente Canavieiras despontaria como produtora de cacau.

Antes disso, a partir de 1882, o lugar viveria um momento único em sua economia, quando seriam descobertas jazidas diamantíferas no povoado do Jacarandá, distrito que fazia parte do território canavieirense. Em se tratando da agricultura, até então existiam apenas pequenas faixas cultivadas, nas quais se encontravam farinha, tapioca, araruta e cacau, este em pequena quantidade, apesar de terem sido justamente naquelas terras plantadas as primeiras sementes do rentável fruto.

Avé-Lallemant (1980) rompeu o ano em Canavieiras-BA, e, por meio da descrição que fez das festas locais, aproximamo-nos, pelo menos um pouco que seja, das práticas culturais da população da vila tão estranhas para o alemão. Sobre as comemorações, ele escreveu:

À tarde devia realizar-se um cortejo mascarado; o primeiro que jamais se realizara sob os coqueiros de Canavieiras. Para tão grande festa pareceram então ter vindo até às janelas e portas abertas, todos os que se podiam arrastar do fundo escuro de suas tocas. Havia realmente gente para ver, e alegre juventude da rua cabriolava ingenuamente na areia e no relvado, sem mesmo estarem suficientemente vestidos. Vieram então os mascarados. Separaram-se bruscamente em duas classes. A primeira era formada pelos equestres. Seis cavaleiros puxavam o cortejo. Um representava um botocudo, pintado de encarnado vivo com todos os atributos da floresta e um estandarte brasileiro. Um outro era cavaleiro azul, outro um arlequim e os demais conforme o plano ou acaso lhe punha nas mãos um pedaço de pano de cores. Ao seu lado ia um pequeno exército do tempo do Cruzados, infantaria cristã e infiéis, que se batiam em redor dum forte improvisado diante da igreja, uma nova Jerusalém. Isso tudo se fazia com grande dignidade, com séria e santa consciência. Esse corpo de patrícios andou durante algumas horas dum lado para o outro e praticou na vila os maiores absurdos, mas sempre com perfeita consciência de sua nobreza. A classe dos plebeus era inteiramente diferente! Nela não havia nada premeditado, nada preparado de antemão! O entusiasmo das moçoilas no momento tinha feito tudo. Rapazes negros e índios em pleno auge do grande momento que, tinham a mais absoluta convicção, ficaria eternamente inesquecido nos anais de Canavieiras, haviam-se enrolados em todos os trapos velhos, camisas, saias e vestidos da população feminina (Avé-Lallemant, 1980: 108).

Fica evidente na descrição que as observações do homem se baseiam em um determinismo que toma condições ambientais e culturais para explicar julgamentos morais. Desse modo, a cor da pele e o clima tropical favoreceriam *comportamentos imorais*, lascivos e violentos. Esse tipo de pensamento é conhecido como racismo científico e estava em voga no século XIX, momento em que ocorreram as viagens estudadas por nós.

Durante a festa mencionada, as pessoas se dividiam em grupos de patrícios e plebeus. Rapazes negros e índios, as pessoas comuns, vestiam-se de roupas femininas, usavam máscaras e deixavam aturdido o europeu protestante, que escreveu em seus relatos nunca ter visto cena parecida. Hospedado por mais um dia na residência do general Pederneiras, conhecido fazendeiro, contemplou ainda a levada de um mastro que foi erguido na Praça da Concórdia em Canavieiras-BA ao som de “monótono toque de tambores, entre danças e muito divertimento” (Avé-Lallemant, 1980: 110).

Os episódios que se seguiram são marcados pela ida do europeu até a fazenda Genebra, território de Belmonte. As passagens do texto são reveladoras no que tange à cultura africana em Canavieiras-BA. Retornado da fazenda Genebra, Avé-Lallemant narra as dificuldades dos seus canoieiros negros ao passarem pelo canal Pôassu; durante essa aventura, os negros ora paravam de trabalhar ora se empenhavam na travessia, entretanto o que mais desperta o nosso interesse nessa narrativa é o momento em que Avé-Lallemant fala do encontro que tiveram com outros canoieiros que passavam pelo canal. Os negros que conduziam o alemão conversavam e discutiam com grupos de africanos que passavam pelo Pôassu. Diante dessa ocorrência, escreveu Avé-Lallemant (1980: 130):

Pertenciam esses negros àquele grupo de africanos, náufragos dum navio negreiro e trabalhando agora em serviços públicos para cobrirem as despesas feitas com o cruzeiro contra os navios negreiros, até que, depois de certo número de anos, pudessem gozar de inteira liberdade, sem mais obrigações. Contudo, segundo a opinião pública, havia muitos escândalos e abusos no que concernia a esses chamados africanos livres, e na sua maioria nunca alcançaram a liberdade que a lei lhes assegurara.

Os negros retratados são parte integrante do fenômeno da diáspora africana, experiência sociocultural que se desenvolveu no processo da escravização de milhões de pessoas, na brutal travessia do Oceano Atlântico, por meio da qual foram trazidas forçadamente para terras de além-mar. Refletimos sobre essa situação, pois não podemos conceber uma produção historiográfica sem atentar para as relações étnico-raciais que perpassam a sociedade brasileira. Não discutir tais questões tornaria ainda mais vívidos os reflexos da violência praticada pelos invasores europeus.

A hostilidade e a agressividade, características marcantes da descrição feita por Avé-Lallemant (1980) a respeito dos grupos locais, são indícios claros de que eles não se submetiam à exploração naquelas paragens e deixavam atônitos membros das classes mais abastadas. De acordo com Ronaldo Lima da Cruz⁴ — historiador que pesquisa sobre a escravidão na região cacaueira da Bahia, principalmente em Ilhéus —, por “várias ocasiões os libertos e cativos contaram com o apoio das relações sociais que eles construíram para reivindicar ‘direitos’ ou denunciar os abusos praticados pelos senhores” (Cruz, 2012: 46).

O que o estudioso coloca é comprovado pela passagem em que Avé-Lallemant (1980) cita a opinião pública em Canavieiras-BA; de fato, sabia-se que aquela população afrodiáspórica não alcançaria a liberdade, a não ser que se rebelasse, pois a justiça para essas pessoas era inacessível. A autoimagem que aquelas pessoas tinham de si e de sua comunidade as faziam exigir seus direitos e protagonizar lutas individuais e coletivas naquele local e em outras partes do Brasil. Não faltaram estratégias para que homens e mulheres negras negociassem com os senhores o caminho para a liberdade.

Nesse mesmo fragmento do texto, o alemão nos informa que poucos “negros falavam português fluente, entre si tagarelavam animada e apaixonadamente no seu dialeto nagô” (Avé-Lallemant, 1980: 131). Ao se

⁴ Ronaldo Lima da Cruz é mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2012) e desenvolve pesquisas no campo da diáspora africana, escravidão no Brasil colonial e/ou imperial e o pós-abolição na Bahia. É pesquisador do Grupo de Pesquisa Estudos do Atlântico e da Diáspora Africana da UESC.

comunicarem em seu idioma de origem, faziam-se mais unidos; talvez, por isso, ingovernáveis, mais fortes e conscientes de quem eram. Certamente teria sido por isso que o alemão fora alertado algumas vezes durante sua viagem a respeito das ações dos negros que viviam naqueles arredores.

Canavieiras era uma sociedade formada por negros e negras rebeldes entre o século XIX e o XX. Eles levavam consigo esteiras nas quais costumavam dormir quando entendiam que as viagens não deveriam prosseguir. Se eram mandados, malandreadavam, não obedeciam a ordens, nem às mais enérgicas, assim descrevia Avé-Lallemant (1980) os costumes da gente de cor naquela vila imperial. O viajante foi embora no dia 22 de janeiro. Desde a sua chegada até a sua partida, censurou a preguiça, a arrogância e a “insolência” dos moradores de Canavieiras-BA, gente tão livre assim, não havia notado até aquele momento de sua viagem exploratória.

A frugal vila imperial, representada pelos viajantes nas passagens expostas no presente texto, passou a ser o cenário de um grande fluxo de pessoas no final do século XIX. Muitas chegaram visando as possibilidades de riqueza e prosperidade que foram oferecidas quando, segundo o historiador Vítor Fábio Torres Homem (2010) — que discute as bases econômicas do município de Canavieiras-BA —, Origenes de Cerqueira Santos, professor de primeiras letras do lugar, ao viajar para o vilarejo do Salôbro, no Jacarandá, na empreitada dos cortes de madeiras, encontrou por lá diamantes de incomparável qualidade.

Canavieiras e sua população na obra *Fruta do Mato* (1920), de Afrânio Peixoto

Atraído pela descoberta das jazidas diamantíferas, chega a Canavieiras-BA, em 1885, Francisco Afrânio Peixoto, direto de Lençóis, na Chapada Diamantina. O homem comprou uma fazenda no Jacarandá, onde permaneceu por mais de uma década com a sua família. Entre os filhos de Francisco Peixoto, um ganhou notoriedade nacionalmente como proeminente intelectual baiano, trata-se do médico e literato Júlio Afrânio Peixoto.

A doutora em Literatura Brasileira Rosa Gens⁵ escreveu sobre o perfil literário do baiano que viveu em Canavieiras-BA e se tornou um reconhecido intelectual brasileiro. Em sua análise a respeito do estilo literário de Peixoto, Rosa Gens afirma que o autor caminha pelo Realismo psicológico, pelo Simbolismo e transita de acordo com uma orientação filosófica, demonstrando uma miscelânea estética e ideológica típica do início do século XX. Outra característica do Peixoto literato é a procura do feminino, aliada à carga de mistério que compõe suas narrativas (Gens, 2014: 21).

Apresentou em suas obras discussões que estavam presentes na sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX e escreveu romances que traziam à tona intrigas e conflitos do cotidiano regional, contudo não deixava de relacionar os acontecimentos locais a uma dimensão nacional, principalmente quando abordava a transição entre Império e República, e, ainda, a Abolição da Escravatura (Gens, 2014: 23).

Além disso, a narrativa de Peixoto apresenta acontecimentos marcados por violência e crimes. De acordo com o estudioso Daniel Faria (2017), a literatura brasileira vai se debruçar sobre esse contexto durante a passagem do século XIX para o século XX. Para ele, isso ocorre porque os atos violentos ajudavam para que a narrativa passasse por reviravoltas quanto ao enredo construído. O crime e a violência davam elementos surpreendentes que movimentam a narrativa.

Faria (2017) aponta que esses aspectos se localizam no campo da anormalidade, das margens sociais, dos excluídos. Geralmente, quando se trabalha com esses aspectos, busca-se apresentar uma ideia de incivilidade; quando não, de exotismo. Faria (2017) afirma que, entre os séculos XIX e XX, histórias que abordavam a questão racial e a pós-abolição eram muito frequentes, geralmente as tramas eram recheadas de assassinatos e de dramas que apresentavam a natureza enfurecida dos seres humanos.

Para Faria (2017), essas representações foram influenciadas pelas descrições de Cesare Lombroso, que criou uma classificação de tipos

⁵ Rosa Gens é especialista em ficção brasileira na belle époque, ficção brasileira recente, literatura infantil e juvenil, leitura e ensino, narrativas de medo e relações de gênero.

psíquicos baseada em um estudo que fez sobre aspectos fenótipos dos indivíduos. A metodologia de Lombroso é considerada profundamente racista para os estudos científicos atuais. Nas histórias produzidas no estilo mencionado, a violência era sempre associada aos que atualmente compreendemos como os que são vistos de baixo pela historiografia.

O crime e o criminoso iam absolutamente contra os valores morais, e suas manifestações exigiam que os governantes colocassem em prática ações repressivas. Os crimes circulavam em todos os lugares, nas senzalas, na luta e resistência dos oprimidos contra os opressores; havia também os “crimes de paixão”, em que se colocavam em cena valores afetivos e morais, tais como a fidelidade e a honra. Todas essas representações estão presentes no romance *Fruta do Mato*, fonte utilizada para compreender melhor a História de Canavieiras-BA e de sua sociedade no passado.

Quando *Fruta do Mato* foi escrita, Canavieiras-BA já havia sido elevada à categoria de cidade, acontecimento que se deu em 1891. Nesse período, a produção do cacau começou a ser impulsionada em todo o território, por meio de grandes plantações nas margens do Rio Pardo. Na obra, temos um narrador-personagem chamado Dr. Vergílio, um homem da capital, que chega à cidade com o objetivo de comprar uma fazenda e prosperar, como muitos outros fizeram.

A figura de Vergílio representa o que acontecia na região no século XIX; muitas terras ao Sul da Bahia começaram a ser adquiridas por aristocratas, que viam na lavoura cacauera um futuro promissor. Nessa época, a região despontava como maior produtora de cacau do Estado e segunda maior do Brasil.

Como é peculiar do estilo de Peixoto, as figuras femininas presentes na obra são extremamente complexas. As três personagens principais são controversas; a primeira a aparecer na história, Gracinha, é representada como a moça provinciana, frágil, fraca, sem parâmetros, criada para se casar e manter os costumes e a moralidade da época. Essa mesma jovem passa por uma grande reviravolta no decorrer da narrativa e quebra todos os padrões admitidos na sociedade canavieirense da época.

A segunda personagem, Joaninha, é a típica “fruta do mato”, a mulher que desperta a paixão do narrador-personagem. Na conhecida oposição simbólica entre masculino e feminino, o autor traça o perfil de Vergílio como um homem racional, ao passo que fala da mulher que desperta o interesse dele como uma sedutora irracional. Associa o feminino com o fruto proibido, que o tenta e o deixa desnorteado.

A terceira personagem feminina, Salvina, é uma mulher, identificada pelo narrador como uma cabocla, cismada e fechada em si mesmo, trabalhadora, independente, apesar de ser casada com um trabalhador rural. Fica evidente na narrativa o caráter autônomo dessa presença feminina que compõe o romance regional de Afrânio Peixoto.

A narrativa começa com um encontro entre o Dr. Vergílio, o tabelião da cidade e o juiz, na casa de uma senhora viúva, mãe da jovem Gracinha — primeira entre as três personagens femininas que se destacam no romance de Afrânio Peixoto. Nesse encontro, na Rua Boa Vista, região central de Canavieiras-BA, Dr. Vergílio comenta sobre seus planos de adquirir a fazenda que pertencia a um homem conhecido como Corre-Costa, que, por sua vez, era um traficante de pessoas que atuava na dinâmica do sistema da escravidão. Suas terras foram adquiridas com o dinheiro que ganhara nas travessias do Oceano Atlântico, de uma costa à outra, daí vinha seu apelido.

Para o lado daquelas terras, segundo os interlocutores do narrador, os escravizados rebelavam-se constantemente por conta dos maus-tratos empregados pelos feitores, e Corre-Costa decidira, um pouco antes de morrer, passar a responsabilidade do lugar para Américo, marido de sua neta Joaninha. Era Américo o administrador da fazenda — amigo de Vergílio do período em que estudaram juntos em Salvador —, fora ele que oferecera ao homem as terras férteis das Cajazeiras, já cultivadas com cacau, e ainda a um preço muito abaixo da média do que se poderia comprar na cidade naquela época.

O discurso de Afrânio Peixoto apresenta questões relacionadas às tensões políticas que perpassavam a Bahia e o Brasil nos anos iniciais da pós-abolição e da República. Nesse contexto, os pobres, de maneira geral, e os

negros, mais especificamente, eram interpretados como “grupos perigosos”. Construções como essa passam a nortear as políticas públicas brasileiras e, ainda hoje, têm contribuído para a inibição do exercício da cidadania, quando não para o genocídio da população afro-brasileira.

Sua narrativa sobre o local pode resultar em uma leitura das condições de vida dos moradores da cidade da região sul da Bahia. Para os representantes políticos naquela época, a principal virtude do bom cidadão era o gosto pelo trabalho. A ociosidade era repudiada como um vício, e os negros se tornaram um referencial de malandragem; as narrativas dos viajantes confirmam essa perspectiva. Se a sujeição de negros e negras ao trabalho em Canavieiras-BA já era questionada antes da desagregação da escravidão, com o tempo, a situação ficou ainda mais intensa, é o que se pode vislumbrar por meio de passagens sobre a resistência sociocultural dessa população na narrativa do romancista por nós estudado. A narrativa do Dr. Vergílio nos revela imagens de uma sociedade conflituosa. Um jovem da fazenda conta sobre a ocasião do falecimento da esposa de Corre-Costa:

No dia em que foi “desta para a melhor” houve quase revolução na fazenda: a escravaria sem temor ao tronco e ao chicote dançava o lundú na senzala, num batuque infernal. Há mais quem diga que morreu de “coisa feita”, chocalho de cascavel moído com sipó de caboclo, dados numa xícara de café. Levaram-na a enterrar no cemitério da fazenda, lá no oiteiro, e ao outro dia estava a cova revolvida, e o corpo decomposto. Até a terra, repugnada, o rejeitava. Enterraram de novo, e no dia seguinte, a mesma coisa. Tiveram de levar então, Deus sabe como, para o cemitério de Canavieiras. Lá mesmo, dizem que os demônios não a deixam parar: o carneiro arrombado, a pedra mármore quebrada, as cinzas espalhadas... (Peixoto, 1920: 59).

De acordo com a narrativa, depois que a mulher morreu, Corre-Costa deixou o lugar, que, por sua vez, vivenciou total decadência com a Lei Imperial de 13 de maio de 1888, pois *a escravaria desertou para a liberdade*. Nesse ínterim, é contado que alguns negros forros andavam interessados em roças próprias, eram assalariados como jornaleiros e serviam nas fazendas dos arredores.

Por meio de pesquisas sobre o pensamento e a obra de Peixoto, verificou-se que o literato foi fortemente influenciado pela epistemologia

racista de sua época, que formulava conceitos e teorias da superioridade dos brancos em relação a outros grupos sociais. O romance *Fruta do Mato* denuncia a escravidão no sul da Bahia, mais precisamente em Canavieiras-BA, no entanto deixa evidente em muitos momentos a necessidade de superar os resquícios do sistema por meio do branqueamento da população.

Em determinado fragmento do romance, ele demonstra os requintes de como os capatazes — mestiços — torturavam os negros e as negras que viviam na fazenda de Corre-Costa. Aparelhos de tortura foram mostrados a Vergílio pelo caseiro da fazenda Cajazeiras: “troncos, suplício da péga, do viramundo, do colete de couro, da roda daquela... Onofre, o caseiro, citava outros... incisões, marcas a fogo!” (Peixoto, 1920: 121). Horrorizado, o narrador reflete:

O que o Brasil sofre, de degradação familiar, social, cívica, religiosa, moral, política, por influxo da escravidão africana, vinga o martírio de uma raça nos quatro séculos que ajudou a criar nossa nacionalidade. A escravatura forra em 88 nos terá, sob a vergonha das suas presas, durante ainda quanto tempo? Havemos de purgar lentamente essa corrupção, o nosso castigo... se não morrermos de infecção... (Peixoto, 1920: 121).

Ao ler o romance de Afrânio Peixoto e pesquisar sobre a temática da população afrodiáspórica no Brasil, chegamos às contribuições do estudioso Abdias do Nascimento. Em seu texto intitulado *O branqueamento da raça: uma estratégia de genocídio*, Nascimento (2016: 83-92) afirma terem sido construídas teorias científicas para justificar políticas racistas, que objetivavam executar um projeto de genocídio do povo negro no Brasil.

Para o estudioso, existia um conluio dos intelectuais e dos acadêmicos que visava fortalecer as ideias de embranquecer a sociedade brasileira. De acordo com Abdias do Nascimento (2016), Peixoto integrava esse grupo e seu discurso evidenciava o anseio do médico e literato para que o tempo passasse o mais rápido possível, a fim de que a pele e a alma da população fossem “alvejadas”.

Fruta do Mato apresenta um enredo contextualizado pelo sistema escravocrata, os conflitos que perpassavam as relações entre a classe dominante e as pessoas comuns, que, por sua vez, resistiam aos abusos, às

injúrias, às aflições da degradante exploração do trabalho em regime escravo. Fala da hibridez do povo que formava aquela população local, da herança africana, que permaneceu, por exemplo, no culto religioso do Candomblé praticado ali naquelas terras. Contudo, fica muito evidente a visão de Afrânio Peixoto sobre a população de origem africana.

O estudioso Abdias do Nascimento escreveu que, na década de 1920, o Brasil estimulava por meio de leis a imigração de brancos europeus. Ele reflete sobre esse tema em sua obra *O genocídio do negro: processo de um racismo mascarado*. Em um dos textos que compõem o livro, o estudioso cita Afrânio Peixoto como um dos cientistas que produziram conteúdos voltados para a sustentação científica de um projeto de branqueamento da raça, que, para Abdias, pode ser considerado como uma entre tantas estratégias de genocídio da população afro-brasileira.

Sobre o escritor de *Fruta do Mato*, Abdias do Nascimento (1978: 73) escreveu:

Afrânio Peixoto, médico e escritor, apostava que "*Trezentos anos, talvez, levaremos para mudar de alma e alvejar a pele; e, se não brancos, ao menos disfarçados, perderemos o caráter mestiço*". Dentro de um século ou de três séculos, isto importava; o que se fazia essencial e indisputável era a necessidade de embranquecer o povo brasileiro por dentro e por fora. A opinião de Peixoto, bastante interessante, foi emitida durante um debate público provocado pela possível chegada de negros vindos dos Estados Unidos para o estado do Mato Grosso. O presidente daquele estado, em 1921, fez concessões de terras a colonos e pioneiros. No entanto, quando a imprensa ventilou a possibilidade de que entre os colonos esperados estivesse um grupo de negros norte-americanos, o presidente de Mato Grosso rapidamente revogou as concessões que tinha feito, e imediatamente comunicou o fato ao ministro de Relações Exteriores. Foi quando Afrânio Peixoto, em face da perigosa ameaça daquele potencial influxo de quinze milhões de negros vindos do norte, interrogou desesperado: "Teremos albumina bastante para refinar toda essa escória:... Deus nos acuda, se é brasileiro!".

O pensamento de Peixoto era determinado por uma pseudociência racista que formulava conceitos e teorias da superioridade dos brancos em relação a outros grupos sociais. O romance *Fruta do Mato* revela muito de sua perspectiva, ele denuncia a escravidão no sul da Bahia, mais precisamente em Canavieiras-BA, contudo deixa evidente, em muitos

momentos, a visão de mundo do autor que considerava como primordial a aplicação de políticas públicas empenhadas em superar os resquícios do sistema escravocrata por meio do branqueamento da população.

Nesse ínterim, podemos considerar que Afrânio Peixoto, como cientista, atestava a ideologia racista denunciada por Nascimento (2016) e, como literato, disseminou as ideias que como cientista defendia por todo o Brasil, lembrando os estudos de Rosa Gens (2014), que apontou para a grande popularidade de Peixoto e para as grandes tiragens que seus romances tiveram no cenário nacional.

Considerações finais

Os estudos aplicados ao passado de Canavieiras-BA que foram incluídos nos livros de História oficial do município, mostraram-nos que o lugar pode ser definido com um território em disputa, visto por meio da perspectiva da História Social. A pluraridade da população não foi evidenciada nas obras até então celebradas como fundamentais para a História local.

A História de Canavieiras-BA foi produzida num viés positivista, teve como ponto fundamental de discussão a política e as vivências da camada social dos ricos comerciantes e fazendeiro locais. Consideramos esse tipo de produção meramente descritivo superado pelos históricos contemporâneos. Os historiadores trabalham hoje na perspectiva da história-problema, por meio de metodologias analíticas que ofereçam interpretações que contemplem a diversidade e a complexidade dos processos histórico-sociais.

Ao pesquisar sobre a História local de Canavieiras entendemos a importância de compreender que os processos históricos não se dão isoladamente. Vale ressaltar que análises como essas exigem que se percebam os mecanismos de persistências e mudanças, padrões de transformações em diversas dimensões da realidade social, considerando o recorte temporal e as relações entre o local e o regional, entre o nacional e transnacional.

Enfim, foi diante dessa orientação realizamos uma releitura das principais fontes de Alcides Costa que, até então, não haviam sido problematizadas. Concluímos que, em nossa compreensão, as perspectivas

epistemológicas de hoje devem estar conectadas aos desafios da construção de produções críticas que considerem a diversidade cultural e que apresentem uma ampla concepção sobre as relações de poder e de opressão.

Referências bibliográficas

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe*: 1859. São Paulo: Editora Itatiaia, 1980. (Coleção Reconquista do Brasil).

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

CRUZ, Ronaldo Lima da. *Conflitos e tensões: conquistas de escravizados e libertos no Sul da Bahia, 1880-1900*. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual Paulista “Julio De Mesquita Filho”, Franca, 2012. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao---versao-final-para-a-defesa.---copia.pdf>. Acesso em: 26 maio 2021.

FARIA, Daniel. Criminosos na literatura brasileira. In: DEL PRIORE, Mary; MÜLLER, Angélica (org.). *História dos crimes e da violência no Brasil*. São Paulo: Ed.UNESP, 2017. v. 1, p. 155-177.

GENS, Rosa. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014.

HOBSBAWM, Eric. Da história social à história da sociedade. In: HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. cap. 6.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOMEM, Vitor Fábio Torres. *Bases econômicas formadoras do município de Canavieiras*. Ipiaú: Faculdade e Colégio Santo Agostinho, 2010.

NASCIMENTO, Abdias do. *O branqueamento da raça: uma estratégia de genocídio*. In: *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PEIXOTO, Afrânio. *Fruta do mato*. 2. ed. [S.l.: s.n.], 1920.

WIED-NEUWIED, Maximilian Alexander. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989.